

O tempo do corpo e o tema da eternidade

Geysa Silva*

Abstract

Body and Eternity are recurrences in Murilo Mendes's poetry that oscillating among the religious and the erotic, the belief and the doubt, through the sinuous path of relationship between sacred and profane. The limited body and unlimited time mark his literary poetics that intends to be modern and celebrate christian tradition.

Ao considerar as posições literárias que destacam Murilo Mendes no Modernismo brasileiro, um estudo mais aprofundado de sua obra reconhece o tempo do corpo e o tema da eternidade como agenciadores de singularidade poética e vias de acesso a uma versão estética do cristianismo. Integrando o trio de artistas católicos, formado por ele mesmo, Ismael Nery e Jorge de Lima, o poeta juizforano concretiza relações entre erotismo e religiosidade, alinhando os procedimentos de seu ingresso na seita modernista e adaptando-se a um indisfarçável dandismo *fin de siècle*.

Expandindo o tempo do corpo com a crença na eternidade, Murilo Mendes promove o investimento no religioso, dividindo-se entre o destino irreversível e o lirismo galante, gerenciando as contradições entre a culpabilidade cristã e o hedonismo eufórico do mundo profano que freqüentava. Veja-se, por exemplo, este fragmento de *O poeta na igreja*:

* Professora de Teoria Literária da UFJF

Entre a tua eternidade e meu espírito
se balança o mundo das formas.
Não consigo ultrapassar a linha dos vitrais
para repousar nos teus caminhos perfeitos.
Meu pensamento esbarra nos seios, nas coxas e ancas das
mulheres, pronto.
(1995, p.106)

Tomado pelas inquietações da morte, o poeta preenche os versos com o tempo do corpo, que assume contornos variáveis: *corpos flexíveis no outro mundo, corpo dum santo, estátua me invocando, corpos que a terra criou, corpo sólido, corpo enxuto*, inúmeros corpos, enfim, que imprimem um acento particularizador à poesia de Murilo Mendes e sinalizam a trajetória dos corpos humanos para o corpo eterno de Deus, celebrado no ritual católico de comunhão, como se lê em *Salmo n°3*:

Eu te proclamo grande e admirável eternamente
Porque te fazes minúsculo na eucaristia,
Tanto assim que qualquer um, mesmo frágil, te contém.
(p.252)

Essa ligação com o corpo e o tempo que dele se apodera é tratada de forma obsessiva, engendrando um motivo recorrente e fornecendo um expressivo registro das preocupações de determinada época. Murilo Mendes faz o elenco de corpos que são atingidos pelo desgaste e pela multiplicação, formando um ciclo epocal regrado por Cronos. O começo e o fim de tudo espelham a fixação no tempo a busca de si mesmo afetada pela religiosidade e pelo cientificismo, a consciência do precário que se eterniza na sucessão. Isto fica bem explícito no poema *Formas Alternadas*:

Vi a menina crescendo
Na sombra de sua mãe
Vi a mãe dela sumindo,
O corpo da outra aumentando,
Vi a posição dos corpos.
Mudando sempre no espaço,
O tempo desenrolando
Olhares e movimentos,
Vontades, curvas e cheiros,

** Todas as citações de obras de Murilo Mendes serão extraídas de MENDES, Murilo. *Obra completa*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1995. Doravante serão indicadas apenas as páginas.

Ora da filha bonita,
Ora da mãe consumido,
Com tantas afinidades
Vindas, sem se perceber,
De formas bem semelhantes:
Não sei onde a mãe acaba
Nem onde a filha começa.
(p.200-201)

Os versos mostram as visões fornecidas pela herança genética, que exhibe aquilo que o tempo ainda conserva invisível. O corpo assim descoberto afirma a precariedade da beleza e afirma ainda que carregamos, nisso que temos de mais particular, toda a informação de nossas vidas, revelando o hiato existente entre o agora luminoso e o decepcionante e/ou obscuro depois. Murilo Mendes não apenas vê o corpo, como faz de suas transformações matéria de poesia. Esse corpo oculto, guardando surpresas irreversíveis, aparece ainda em *O namorado e o tempo*:

O namorado contempla
O corpo da namorada,
Vê como o corpo está,
Não vê como o corpo foi
Nem como o corpo será.
Se aquele corpo amanhã
Mudar de peso, de forma,
Mudar de ritmo e de cor,
O namorado, infeliz,
vai sofrer mesmo demais...
(p.201)

O resultado desse eterno dever é um negativo da luxúria, negativo que é matriz da força expressiva de Murilo católico, originária de seu convívio com Ismael Nery e Jorge de Lima, esse último com quem escreveu *Tempo e eternidade*. Ao capitalizar o *pathos* do provisório e do mutável para referir-se à existência humana, Murilo Mendes compõe um espectro de formas que personalizam o caráter abstrato do tempo; ao declínio dessas formas ele opõe o dinamismo e a eternidade da palavra simultaneamente pressuposto e limite da poesia. Se na pintura de um impressionista o mundo se dissolve em manchas coloridas, pulverizado por reflexos luminosos, na poesia de Murilo Mendes é a vida que se desarticula, à procura de uma nova significação, pulverizando-se nas formas corporais que se deterioram.

Em *Fim e princípio*, o poeta celebra o próprio corpo, na litania de versos que testemunham não só a sensualidade pessoal mas o sentimento

de mundo que nos conduz a confissões de pecados (e adere ao imaginário agostiniano). Impossível ignorar que existe nos versos de Murilo Mendes a crença na realidade da alma e a crença numa Verdade Suprema como origem a todas as outras verdades, *arché* condutora do corpo no tempo e senhora da eternidade.

Cairá, a grande Babilônia, meu corpo,
Cairá ao peso de seus erros e visões no tempo.
Cairá porque Satã soprou sobre ele.
Cairá porque sustentou a esfera sobre si.
Contemplarei ainda um pouco o mundo efêmero
Até que Deus faça volver tudo à poeira primitiva.
(p.257)

Essa verdade Murilo Mendes não encontra na correspondência entre linguagem e mundo, por isso consagra o imaginário subjetivo ao reinventar a tradição cristã em estilo próprio. Sem fórmulas grandiloqüentes, apresenta sua crença na eternidade, nas formas ideais que mediatizam o transitório e o perene; não expõe uma grande verdade sobre a condição humana, porém nos dá uma perspectiva pessoal de comunicação com Deus, em termos novos, imaginativos: *Até quando, Ente oblíquo, / Abusarás da minha sede?*

A experiência de possibilidade de um mundo perfeito, adjacente (aquém ou além?) ao novo, um mundo e um ser perfeitos aos quais o poeta é remetido por meio de uma experiência cotidiana, acena para a transcendência do corpo e para o infinito do tempo. Essa experiência escapa ao lugar comum da banalidade, na recitação enlevada de *A ceia do poeta*, em que a refeição se transforma num ato solidário de amor a Cristo e ao próximo; as palavras ganham o peso de uma passagem bíblica, a despeito do convencionalismo do assunto.

Diante do prato em que apenas toquei
Medito no dia em que multiplicaste pães e peixes,
Tu que sacias a fome e a sede do universo;
Aquele milagre anunciava outro muito maior:
Tu te repartes em milhões de seres
Que se consolam e se consolarão em ti eternamente.
Continuas a nascer todo o dia entre os homens,
Nos quatro cantos do mundo, mal se ergue o sol.
E estou unido a ti pela meditação e o rito,
Como se te conhecesse em tua vida terrestre.
(p.256-257)

O episódio da vida de Cristo persiste no tempo, não como memória e, sim, presente vivenciado, redescrito pela reflexão do poeta e sugerindo a abertura indefinida para um tempo sem limite. O alimento funciona como sistema de repartição de Deus e inclusão do homem, através do ritual que enfatiza a contingência humana de sentir fome e une o poeta a seus semelhantes pelo fio da escrita de uma linguagem que celebra a crença e a meditação. O corpo que se reparte evidencia o amor desmedido, na tentativa máxima para dar sentido às nossas vidas.

A busca de renovação religiosa é, em Murilo Mendes, inseparável da busca de renovação literária. Sua poesia é, antes de tudo, moderna, sem rimas ou métricas parnasianas e sem a musicalidade simbólica. Os versos brancos, longos ou curtos, exibem a maestria no domínio da língua, que põe a serviço de suas idéias: abolir o tempo do corpo e transportá-lo para a eternidade ou para o vazio do nada. A referência a esses dois pontos permite que se trace um paralelo entre eles. Muitos são os caminhos que a vida e a poesia podem oferecer, porém nossa escolha vai determinar se nos perdemos e transformamo-nos em cinzas ou se entramos no centro do mistério supremo e somos absorvidos por ele. Não é possível esquecer a inexorável trajetória da vida. Os tópicos da perdição e da salvação se completam, apresentado em versos que se excluem, mas parcialmente se repetem, como os ecos inacabados de *Estudo n°4*:

Quando se acalmará
Esta doença fértil a que chamam Vida?
Não quero soletrar o horizonte
Nem seguir o desenho da onda na areia,
Nem quero conservar flores no campo idílico.
Quero antes correr a cortina sobre mim mesmo,
Transcender minha história
E esperar que Deus remova meu corpo.
Quero tudo, ou nada:
Todas as paixões, todos os crimes, delícias e propriedades.
Ou então mergulhar num saco de cinzas,
Montar num avião de fogo, e nunca mais descer.
(p.323)

Sob esta ótica, os dois aspectos referentes à questão religiosa maior (salvação *versus* perdição) alternam-se com as oscilações entre o desejo de ascetismo e o desejo de prazer. O ascetismo ocorre em renúncias, apoiadas em expressões negativas e na crença numa tradição ligada à eternidade. Em contraponto, o tema ligado ao desejo de prazer exprime uma posição pessoal, o radicalismo decisivo entre o ser e o não-ser, a transcendência ou o aniquilamento. A articulação de tais elementos configura um estilo cerebral

que exprime a crise de valores que perpassou o Modernismo desejando ao poeta a apresentação de um **estar-no-mundo**, assentado na fórmula básica da dúvida existencial. A tentativa de explorar simultaneamente a fé cristã e o ateísmo desesperançado desenha as alternâncias que a modernidade teve de enfrentar, conferindo sentido à noção de verdade relativa e à distorção da diferença entre vida e forma, real e aparência.

Essa dualidade traz a ressurgência de uma vida religiosa mais autêntica, realizando, num mesmo movimento, o cristianismo ancestral e a experiência singular, diferente, já que radicalmente regenerada. Em inúmeros versos adivinha-se o desejo de viver o momento originário, uma espécie de epifania, concretizado no encontro com algo poderoso que rompe a realidade temporal do corpo para realizar a eternidade do espírito. É assim em *Vida de aço*:

Em face à Segunda morte
É preciso esperar
A transmutação dos elementos.
(Como dois sonhos justapostos)

Nunca o espírito repousará,
Dança, lei de um e de todos.
O fim igual ao princípio:
Aí nossa visibilidade começa.
(p.382)

Só então a essência será revelada e cairão as cifras da realidade transcendental. A tensão dramática da lei do eterno retorno evidencia a intimidade entre o homem e o mundo, mundo continuamente reinterpretado por cada homem que nasce e que, por sua vez, realizará o *fiat lux*. O humanismo de Murilo usa o corpo para colocar o homem no centro do tempo, enquanto a reflexão conduz o pensamento para o ilimitado da vida, baseada na crença de que o corpo é um entrave à eternidade. Assim como o prisioneiro da caverna platônica é prisioneiro de uma ilusão convincente, Murilo Mendes considera que o homem é prisioneiro de seu corpo, território que lhe é indissolúvelmente ligado e do qual só se libertará pela morte. A consciência de que o corpo é um impedimento à liberdade leva ao desejo de transcendência; como se pode ler em *O retrato flutuante*:

Teu corpo é um planejamento
Que te impede a liberdade:
Embora muito humana
Quiseras te despojar
da tua túnica de chumbo.
(p.381)

Profundamente influenciado pelas idéias de Ismael Nery, Murilo Mendes compartilha com ele a busca da essência da vida, comungando com o amigo um sistema filosófico denominado, por eles mesmos, de **essencialismo**. O essencialismo era apenas um degrau para o catolicismo, este, sim, cume da perfeição espiritual que trará o equilíbrio entre a vida exterior ou mundana e a vida interior.

A ciência da vida consiste justamente
na consciência de que cada um deve
se criar para perceber o desequilíbrio,
e na inteligência imediata que se deve
Ter em o repor.¹

Abstrair-se do tempo é entrar no sabbat da eternidade, Murilo Mendes situava a perfeição do homem e a felicidade não apenas numa bem-aventurança futura, mas na transformação da vida corporal em atenta vigilância para superar o dualismo alma-corpo; procurava um equilíbrio entre o obscurecimento que o místico empresta à existência e o clarão ofuscante com que o racionalista tenta demonstrá-la. Assim como Ismael Nery era fiel ao princípio do prazer, reconhecendo daí a exaltação que fazia de Cristo encarnado – a poesia de Murilo Mendes aponta para a compatibilidade entre sexo e religiosidade, para a expansão de um **eu** que quer desfrutar o mundo unindo-se a outros corpos como contrapartida corpórea do amor intelectual de Deus. Voltar à unidade indiferenciada e celebrar a união dos opostos é a tarefa dessa poesia que pretende restaurar a harmonia entre o sagrado e o profano e acena com o reino do Corpo Absoluto, onde a humanidade entrará conduzida pelas mãos dos artistas e pelo fracionamento das coisas mundanas. Observe-se o que é dito em *Cântico*:

Homens, irmãos de todos os tempos e países,
Formamos juntos um vasto corpo
Estendido na História através das gerações.

É no partir do pão que reconhecemos o Senhor.
Na fração de amizade, dos bens mútuos, das palavras
de consolo,
Na fração do ritmo contínuo que vem desde o princípio,
Na fração das palavras do poeta, das danças do dançarino,
do canto do músico
(p.330)

¹ Mendes (1996) p.48.

Com inquietação e ansiedade, a poesia de Murilo Mendes levanta questões pertinentes à fé e à razão, procurando uma síntese talvez impossível, quando reconhece dúvidas em suas frágeis certezas: *Ó Deus, se existis, juntai/Minhas almas desencontradas*. Enquanto o corpo único encerra o tempo, essas almas expressam a pluralidade inerente ao homem e atravessam os tempos, eternizando-se na poesia como em *Choro do poeta atual*:

Deram-me um corpo, só um!
Para suportar calado
Tantas almas desunidas
Que esbarram umas nas outras,
De tantas idades diversas;
Uma nasceu muito antes
De eu aparecer no mundo,
Outra nasceu com este corpo,
Outra está nascendo agora ...
(p.207)

Corpo único, emblema do tempo e espelho da decadência, verga sob o peso de almas que se multiplicam na celebração profana da eternidade.

Referências Bibliográficas

MENDES, Murilo. *Obra completa*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1994.
_____. *Recordações de Ismael Nery*. São Paulo: Edusp, 1996.

